

# *HARMONIA DAS ESFERAS*

WS Editor, Porto Alegre

**2000**

## VIAGEM AO SUBMUNDO DOS COQUETÉIS

EDUARDO NASI

Em *Harmonia das Esferas*, a escritora Valesca de Assis descreve o universo pária dos ratões de coquetéis, que são figuras míticas em vernissages e sessões de autógrafos. Dizem até que dão sorte.

Se a lenda é verdadeira, tomara que os ratões dêem as caras hoje, a partir das 18h30min, no restaurante Birra & pasta, quando será realizado o lançamento com sessão de autógrafos do livro.

Os ratões fazem parte da cultura coquetelística de Porto Alegre. Trata-se de um grupo fixo de mais ou menos cinco pessoas que, durante as noites da semana, percorrem as bocas livres da cidade em busca de um pouco de vinho, dos eventuais salgadinhos e de um mínimo de vida social. As vestes, de leve humildes, chamam a atenção nos eventos mais luxuosos, mas não a ponto de se destacar em atividades menos solenes. Até porque ficam meio no canto, quase taciturnos. Com o tempo, passaram a ser conhecidos dos autores e artistas em geral – chegam a receber convites e exemplares de livros. Surgiu também a lenda de que a claque dá sorte, e a presença deles se tornou um totem desejado.

Valesca se apropria desse universo de forma irônica. Conhecida por duas obras intimistas – *A Valsa de Medusa* (1990) e *A Colheita dos Dias* (1992) -, a escritora usa a linguagem densa do gênero como se fosse um disfarce. Afinal, a marca maior do intimismo, que é a valorização do “eu”, não está lá. O narrador em segunda pessoa, “tu”, é incômodo. Quando abre o livro com a frase “O espelho te recompensa, poeta: a pele constricta e o tom rosado da juventude”, Valesca já deixa bem claro que, na leitura de *Harmonia das Esferas*, o leitor não poderá ficar passivo. Protagonista na marra, o sujeito torna-se uma marionete controlada pelas palavras, agindo a partir dos verbos.

**Autora retrata ratões com singeleza**

Não há, portanto, como escapar da identidade de Leocádio Shreiber dos santos, um poeta que, frustrado, se tornou professor estadual – e anseia por um reajuste. No coquetel de lançamento de Aurélia Sturm, ratão que é, ele conhece outra roedora: Magdala Miranda. A mulher tem uma história para contar, uma vida que, segundo ela, merece um livro. Léo aceita a proposta, e topa escrevê-la. As memórias mostram o tempo glorioso de uma mulher que acabou no submundo daqueles que perseguem garçons em troca de vinho barato.

Valesca acerta o tom no romance. Ao optar pela narrativa pseudo-intimista, renovou o gênero – que volta e meia é surrado por mãos menos cuidadosas. O contraste entre a linguagem pertinente ao mundo interior e a realidade dos ratões não soa debochada nem irônica, mas demasiadamente humana. E acaba sendo uma singela homenagem a todos os ratões, figuras ímpares do círculo literário porto-alegrense.

**O QUE:** lançamento e sessão de autógrafos de Harmonia das Esferas, de Valesca de Assis. WS Editor, 128 páginas

**QUANDO:** hoje, às 18h30min

**ONDE:** no restaurante Birra & pasta do Shopping Praia de Belas.

**QUANTO:** o livro custa R\$ 14

ZERO HORA  
Segundo Caderno  
Terça-feira, 15 de agosto de 2000  
Porto Alegre

Harmonia das esferas  
Valesca de Assis  
WS Editor  
128 páginas

## HARMONIA ENTRE A FORMA E O CONTEÚDO

TAILOR DINIZ

Muita saliva já foi gasta em discussões sobre o que é mais interessante em literatura, se a forma ou o conteúdo. Valesca de Assis encontrou a sua resposta e, na prática, sem teorias, o que é melhor ainda. Harmonia para Valesca de Assis é mais que a sonoridade de uma palavra insinuando a boa metáfora para um título de livro, restrita apenas ao destino das personagens que o compõem. *A Harmonia das Esferas*, sua terceira novela, é uma lição de como encontrar um equilíbrio entre forma e conteúdo, sem parecer que a autora optou por fugir da briga. Além de procurar uma harmonia para as suas esferas, Valesca vai em busca da harmonia entre uma história densa, de conteúdo, e a forma bem cuidada de trabalhar o texto e a estrutura. Os seus personagens estão entre nós, não raro são nós mesmos, criaturas que circulam anônimas pela cidade com seus sonhos, seus problemas, suas tragédias – são entes que sofrem sem gritar por socorro, apesar da dor acumulada, do desgaste de um convívio que perde gradativamente a razão de ser quando uma das metades da maçã apodrece, contagiando a outra parte também. Mas essas criaturas, como na vida, às vezes experimentam pequenas alegrias, como a do poeta que não suporta mais o mau humor da mulher, mas que, certa manhã, emociona-se ao ver um poema seu colado à janela do ônibus que o conduzirá ao trabalho.

O engajamento político de Valesca não deixa dúvidas, mas ela faz da sutileza (que também combina com harmonia) a sua arma de maior eficácia. A situação deplorável dos professores é presença constante do início ao fim da novela. A maneira como o assunto é integrado à trama, no entanto, chega a ser

comovente sem o tom panfletário que muitas vezes assola o espírito do escritor quando trata de uma causa tão justa.

O professor Léo, um apaixonado por livros, numa situação-limite em sua vida, passa a freqüentar as sessões de autógrafos da cidade. Aos poucos, porém, tende a ser confundido com aquelas figuras conhecidas desses eventos, que estão ali apenas por causa do coquetel: “Estes últimos, escondidos pelos cantos, olhos espios, a temer o momento em que descobertos por sua fome e sede, seriam escorraçados do lugar. Tu poeta - quase um deles -, a eles aderiste na geografia das sombras e nas dissimulações”. A mesma sutileza Valesca reserva para o momento em que se refere aos anos de ditadura militar vividos pelo Brasil a partir de 1964. Até quando se reporta de forma direta ao assunto, não está a nos cobrar memória. Lembra-nos, isso sim, que somos, queiramos ou não, seres “com” memória. A geografia de *Harmonia das Esferas* é Porto Alegre e seus bairros tradicionais, as ilhas do Guaíba, os cheiros do mercado Público e o sul – esse inserido a partir de algumas referências, como a lenda da boiguaçu, a cobra que se alimentava dos olhos de carniça para se iluminar durante a noite.

*Harmonia das Esferas* parece um livro artesanal, naquilo que de melhor a palavra pode significar – elaborado com esmero, como quem tece uma renda de bilro, sem a interferência de algo que não a mão da própria autora. A sobreposição aparentemente desconexa dos capítulos e a alternância das vozes narradoras estabelecem a harmonia da obra. Uma harmonia que vai além das esferas que, por serem redondas e habitarem um mundo de altos e baixos, estão sempre sujeitas a encontros e desencontros. É a harmonia de quem conhece todos os sons do nosso cotidiano e os caminhos da boa literatura.

APLAUSO: Cultura em Revista. POA

Ano, 3, nº 20, 2000. pp.48-9

## A ESCRITA MADURA DE VALESCA DE ASSIS

Em *Harmonia das esferas*, sua terceira novela, a escritora santa-cruzense complexifica o fazer literário, joga com as vozes narrativas e lança novos olhares sobre a condição da personagem

ROMAR BELING

Alguém mais desavisado poderá até relacionar o título a um daqueles convencionais livros de auto-ajuda. Mas a semelhança pára por aí (pelo menos, em se tratando de “auto-ajuda” no senso comum). *Harmonia das esferas* (WS Editor, 128 páginas, R\$ 14,00), mais recente trabalho da escritora santa-cruzense Valesca de Assis, lançado na semana passada, é obra que dialoga principalmente com o próprio fazer literário, numa clara postura auto-reflexiva. Mais do que uma nova investida ficcional, o livro firma o nome da autora no cenário das letras contemporâneas.

Terceira novela de Valesca, esse texto mantém seu vínculo com as obras anteriores – *A valsa da Medusa* (1989) e *A Colheita dos Dias* (1992) – principalmente pelo espaço generoso que concede às ações femininas. Os sentimentos e as visões de mundo continuam em destaque, concentrados na história de vida da personagem Magdala Miranda. Porém, o ato de narrar (nomear) e as complexas e sinuosas relações (de gênero e de poder, não necessariamente nessa ordem) entre homens e mulheres agora ganham novos ingredientes.

Valesca optou por complexificar o ato narrativo. As vozes que conduzem a história se alternam, se bifurcam, e assim como é de Magdala que se fala, como é sobre Magdala que se reflexiona, assim também é o aprendiz de escritor Leocádio Schreiber dos Santos (veja-se: “Shereiber”, escritor, em alemão) quem ensaia os primeiros passos na arte de verter em palavras os amorfos contornos do cotidiano.

São personagens-narradoras, narradores-personagens, que, falando dos outros, aprendem a entender a si; que, falando de si, na verdade falam do homem

e de seus anseios. É uma postura de total alteridade, na análise das relações entre o “eu” e o “outro”. De fora, mas já inserido na trama, o leitor comunga desses dramas, pois é quem responde pela extensão do texto na realidade da agenda humana.

**PESSOAS** – O texto de Valesca explora a alternância na pessoa do narrador, deslizando do “ele” para “eu” ou para o “tu” com naturalidade, e inaugurando novas estratégias na relação narrador-personagens. Confirma-se, também, um acentuado gosto pelo detalhismo, em frases de pura minúcia descritiva, que realçam as personagens: “Abre o guarda-louças e retira um prato de sopa, uma xícara e um pires. Fecha a porta, para que as dobradiças não forcem para baixo” (p.39).

Essa proposta narrativa faz lembrar de outras vozes femininas gaúchas da atualidade: a Cíntia Moscovich, de *Duas iguais*; a Letícia Wierskowski, de *Prata do tempo*; a Lélia Almeida, de *Senhora Sant’Anna* ou *Querido Arthur*. Por sinal, é Lélia quem assina a apresentação de *Harmonia das esferas*.

Particularmente, simpatizo mais com *A Valsa da medusa*, em que a alma da Santa Cruz dos primeiros tempos da colonização ocupa posição central. E em que ocorre também a bela atualização do tema amor, num sentido mais clássico. Mas *Harmonia das esferas* revela uma escritora de determinada a alçar vãos cada vez maiores. Como leitores, desde já devemos estar preparados para acompanhar sua produção e partilhar desses futuros passeios literários, mais serenos do que nunca.

GAZETA DO SUL

04/09/2000. p.12

Santa Cruz do Sul - RS

## O DENSO MUNDO DA ESCRITURA

VOLNYR SANTOS

Toda obra de arte, no fundo, nada mais é do que um deliberado sistema de sinais que indica a sua própria significação. E a Literatura, talvez aquela expressão artística que melhor nos revele, encontra no romance uma forma de traduzir isso intensamente, porque é através dele, nas ponderadas palavras de Simone de Beauvoir, que o escritor se defronta com a possibilidade de alcançar a plenitude da experiência que nos foge quase sempre.

Valesca de Assis, em seu romance **Harmonia das esferas**, encontra uma forma pessoal que a habilita, sem o apelo a duvidosas aspirações de modernidade, a caracterizar estilisticamente a ambivalência na qual vivem os seus personagens, perdidos todos na procura de identidade ou de simples reconhecimento. A autenticidade da história narrada se acha na correspondência de um modo de pensar que a autora associa a um tipo de exposição narrativa que, à medida que vai se construindo, alcança a densidade de que se reveste a história: um frustrado professor aspirante a poeta que aceita escrever a biografia de uma mulher que imaginou ter conquistado prestígio.

Se a literatura, no fundo, revela o que somos, eis o material necessário para que Valesca de Assis acrescente um caráter dramático àquilo que se vai contar, buscando, justamente, a *plenitude da experiência* que os seus personagens, ignorantes da complexa relação que tal experiência exige, desconhecem. O resultado é um esforço no sentido de compreender ou decifrar a própria vida.

É no modo como a escritora resolve o impasse para a expressão das mundivivências de seus personagens que faz de **Harmonia das esferas** um texto capaz de interessar esteticamente. Sem processar qualquer mudança fundamental na concepção de mundo ou mesmo no trato da matéria ficcional, Valesca de Assis articula a história de tal maneira, que não só a narrativa é insistentemente fracionada por uma preocupação polifônica, como sugestionada



pela coerência interna que acaba caracterizando uma *escritura da escritura*, isto é, um texto que se mostra indissolúvel dos significados da vida no ato de se fazer.

Isso significa dizer que, no romance **Harmonia das esferas**, a autora converte o real em *logos*: ao mesmo tempo em que se desfaz em palavra, a vida se entremostra num processo de refazimento capaz de incitar o leitor para a conciliação desses dois atributos sem os quais o sentido se perde.

Se as criaturas de Valesca de Assis sonham com a promessa de plenitude, é a vida que vai mostrar a impossibilidade do absoluto. É nessa confluência que o modo de narração mostra-se significativo: é o ato do *fazer-se fazendo* que dá à autora a condição de evidenciar a pregnância do texto, isto é, a força da forma para a compreensão de tal circunstância.

Refazendo tudo isso com outras palavras: como a vida é um permanente devenir, um modo de retenção do absoluto talvez seja a rendição ao presente, ao instante em forma de arte em cujo fascínio está não só a natureza, mas também as gentes e as coisas. E também a leitura.

*Volnyr Santos* é Doutor em Letras. Professor de Literatura Brasileira na PUCRS.

Assis, Valesca de. **Harmonia das esferas**. Porto Alegre: WS Editor, 2000.

REVISTA LITERÁRIA

Fevereiro 2001 p.10

Nº 32, Ano VII

## LITERATURA E LEITORES

RAFAEL BARBOSA

Especial para o Correio

A orelha do livro promete que a história é ambientada no universo das noites de autógrafos e que as personagens envolvidas são a fauna dessas noites. Além do escritor, criaturas que dão corpo e sentido ao acontecimento, o que não inclui necessariamente apenas leitores, como a autora sugere mais tarde. No entanto, talvez não se trate de uma confraria, como afirma a orelha. Pelo menos em determinado momento, a leitura mais óbvia diz que Harmonia das Esferas faz referência trupe de um *freak show*.

Entre a mesa de autógrafos e bandejas com bebidas e canapés, circulam desde poetas frustrados, gente interessada em forrar o estômago com o queijo e o vinho servido, até literatos com projetos eternamente no prelo (que nunca saem da gaveta), à intelectualidade provinciana local, filósofos de meia pataca, ou ainda, nas palavras da autora, para ilustrar melhor, “o velhote com cara de morcego, o careca mais jovem (...) e a dama que as acompanha, sempre vestida de negro e colorida de bijuterias”.

É numa dessas noites – durante o lançamento da biografia A Prisioneira de Petit Trianon – que o casal de protagonistas se conhece de fato. Quase do mesmo naipe que o resto dos freqüentadores e conhecidos de outros eventos similares, travam contato maior do que nas vezes anteriores e descobrem que ambos têm o que o outro precisa.

Ele, Léo Schreiber (nome artístico), dublê de escritor e professor mal casado, autor de um obscuro livro, Lírio no Pântano, e de poemas publicados em adesivos espalhados pelas janelas de ônibus da cidade. Ficcionalista desistente que concilia a rotina entre problemas domésticos e lampejos de inspiração que lhe vêm em forma de enredos e temas.

Ela, Magdala Miranda, mulher de meia idade – a dama do vestido negro – freqüentadora contumaz de lançamentos de livros, figurinha fácil em noites de

autógrafos. Tanto que é capaz de empenhar bens pessoais consumindo literatura e comprando roupas melhores para poder freqüentar os eventos. Protagonista de uma história estranha, que confunde sua vida com a experiência de uma ilha quase mítica que vai pelos ares com uma explosão. É a personagem viva da história que Léo Schreiber esperava contar.

Inevitável dizer que o universo das noites de autógrafos é bem conhecida da autora. Valesca de Assis, além de escritora, é mulher de escritor. É casada com Luiz Antônio de Assis Brasil, autor de Videiras de Cristal e Cães da Província, entre outros. Outra referencia pessoal é a cidade. A autora gaúcha não se priva em fazer algumas descrições geográficas de Porto Alegre, cidade onde vive. É o Morro da Glória (residência de Magdala), o estuário do Guaíba (onde a ilha se localizava).

Harmonia das Esferas é quase o avesso da metanarrativa. A autora ensaia o surgimento e a construção de temas, sobre o espaço da literatura, conversando na segunda pessoa com suas personagens também autores. É diferente e, para dizer o mínimo, interessante.

Valesca de Assis é ainda autora de duas outras novelas, A Valsa de Medusa (1990) e A Colheita dos Dias (1992). Com Harmonia das Esferas, foi vencedora do premio de autor revelação do ano de 2000 pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

## **Viagem literária**

VICENTÔNIO NASCIMENTO

“É a harmonia das esferas; as músicas que só os deuses escutam, porque só a eles é dado conhecer o inteiro silêncio e a paisagem celestial onde essa música é possível. As sete esferas, em diferentes alturas, órbitas e velocidades, produzem acordes únicos, que se harmonizam, sublimes, entre si”. (p.53)

Quem olha a fotografia na contracapa ou observa as disponíveis em sua página na internet ([www.ailha.com.br/valesca](http://www.ailha.com.br/valesca)) não imagina como uma mulher sorridente e simpática oriente iniciantes numa oficina literária, escreva livros e, aliando o ensino da escrita à escrita pragmática, tenha seus trabalhos reconhecidos com prêmios importantes como o concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

A escritora gaúcha Valesca de Assis escreve romances, participa de antologias, publica ensaios. Desponta como uma das revelações da literatura brasileira que devem ser celebradas ainda em vida como ressalta o escritor Deonísio da Silva na abertura de “Harmonia das esferas”: “(...) não esperem que Valesca de Assis seja descoberta por estrangeiros, nem lhe exijam antes o atestado de óbito para ler seus livros e estudá-los, como fizeram com Clarice Lispector e tantos outros”.

A escrita singular aponta para caminhos pouco trilhados em que o foco narrativo de terceira pessoa se mistura e se separa da dialética construída entre narrador e personagem.

A função dialética proposta requer atenção principalmente na compreensão das interessantes construções sintáticas que levam as nuances estilísticas contemporâneas ao leitor refinado.

O romance narra a vida de um professor, poeta frustrado, mal casado com uma mulher que o humilha extemporânea e diariamente em questões relacionadas ao seu fracasso pessoal, profissional e financeiro. As agruras pelas quais passa Leocádio Schreiber dos Santos, nome artístico Leo Schreiber, são universais.

Embora viva de favor na casa da sogra falecida, Leo tenta, aos poucos, manter uma vida paralela, dedicando-se não a relacionamentos amorosos, mas a inserções literárias e culturais locais.

Numa dessas aventuras intelectuais, participando às escondidas de uma noite de autógrafos, ele conhece Magdala Miranda. Indagado se é escritor, ele confirma, meio envergonhado, justificando a falta de seu nome nas prateleiras pela ausência de oportunidades editoriais. Ela, ex-amante de um oficial do exército, vivera durante a ditadura militar numa ilha escondida no Rio Guaíba. Convida-o a escrever sua biografia.

Apesar de aceitar o convite, Leo sente-se inseguro pelo fracasso de duas experiências anteriores nas quais abandonou seus projetos em razão da descoberta de situações que constrangeriam e comprometeriam os biografados e que, ao fim, prejudicariam os projetos de livro. Mesmo inseguro, não se intimida, colhe informações, conversa, troca idéias e, de maneira indescritível, viaja com Magdala por trajetos inóspitos.

De maneira mais aprofundada, em que o enredo, o ambiente e os personagens cedem lugar à apreensão abstrata do texto, é possível observar como Valesca de Assis capta as discussões literárias e as insere oportunamente em sua obra. Prova disso é o último diálogo entre Leo e Magdala em que, alertado pela biografada de que não se lembrava de alguns detalhes mencionados, ele responde: “-Não importa, querida. Sou escritor, você mesma me convenceu. E os escritores estão no mundo para inventar”. (p.120)

Anos depois, o escritor mexicano Carlos Fuentes defenderia essa corrente literária, inscrita no livro de Valesca, em um conjunto de ensaios literários a que deu o nome de "Geografia do Romance": "A liberdade da arte consiste, em contra-partida, em ensinar-nos o que não sabemos. O escritor e o artista não sabem: imaginam. A imaginação é o nome do conhecimento na literatura e na arte".

As palavras do escritor Deonísio da Silva, na abertura do romance, constituem alerta: Valesca deve ser festejada não apenas por pertencer a uma tradição literária original, que é a gaúcha, mas por reunir elementos indispensáveis na construção sintática diferente, por captar as discussões literárias contemporâneas e, especialmente, por proporcionar uma literatura refinada marcada pela complexidade – em seu nível abstrato – aliada à simplicidade: características louváveis, porém pouco praticadas.

\*

A escritora Valesca de Assis constará novamente deste espaço em 6 de dezembro, data em que analisaremos "Antologia de contistas bissextos", edição organizada pelo contista Sergio Faraco e publicada pela L&PM.

\*

Harmonia das Esferas

Valesca de Assis – WS Editor – 128 páginas – R\$ 23,00

JORNAL DE ASSIS, SP, 25/10/2007. P. 04

In LITERATURA